

POR UMA POLITIZAÇÃO DO CORPO NA CENA¹

Fernanda Raquel

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC – SP)

Palavras-chave: Corpo, ambiente, interculturalidade

Nas diversas artes vemos emergir uma afinidade maior com formas inacabadas. A obra cênica em processo, as linguagens artísticas híbridas e a ruptura com o desenvolvimento de uma narrativa linear caracterizam a cena contemporânea e rompem com a tradição artística ocidental, fugindo às categorias previamente definidas. Há uma busca de experimentação que se articula aos novos paradigmas da ciência e à visão de corpos e campos dinâmicos.

Algumas experiências artísticas já foram contaminadas por esse pensamento que considera a condição de transitoriedade e interação do corpo com o ambiente onde se configura. Gostaria de discutir uma dessas experiências especificamente. A escolha por um grupo de teatro experimental japonês não é aleatória, parte de uma experiência pessoal (impossível separar teoria e prática). O treinamento como *performer* com o grupo Gekidan Kaitaisha no ano de 2006 em Tóquio permitiu a percepção de novos processos comunicativos em cena, norteados pela relação entre corpo e ambiente.

O grupo Gekidan Kaitaisha (Teatro da Desconstrução) foi fundado em 1985 pelo diretor Shimizu Shinjin. O foco do trabalho do grupo está no questionamento das fronteiras entre os corpos, o eu e o outro, que passa a ser tomado também como um questionamento sobre as relações sociais, os limites entre a sociedade e o indivíduo: investiga-se o funcionamento dos mecanismos de poder nos próprios corpos dos *performers*.

Gekidan Kaitaisha segue uma linha de artistas da vanguarda japonesa dos anos 60, exemplo de vanguarda política e resistente. Pode-se dizer que sua principal referência é o *butô* de Hijikata Tatsumi (1928 - 1986). Esta forma de arte, criada no final dos anos 50, rompeu com os padrões da dança da época e também com o estereótipo do corpo japonês, relacionado a um ideal de beleza e à idéia de uma essência cultural. No *butô* o corpo apresentava-se como o próprio material a ser questionado, incorporando a transitoriedade permanente de suas formas.

No trabalho de Gekidan Kaitaisha a representação do corpo e os procedimentos de treinamento corporal partem de um corpo que é entendido na mediação com o ambiente. Esse entendimento se estabelece através de modos de articulação específicos entre diversas linguagens, produzindo a comunicação de estados corporais que investigam novas possibilidades de movimento.

A importância central do corpo e sua simultânea interrogação podem ser lidas como uma estratégia de resistência política. Nas performances de Gekidan Kaitaisha os temas permanecem obscuros, não há ação dramática, personagem ou discurso narrativo, mas estão sempre presentes os sistemas de poder, os processos de socialização e o corpo politizado. Segundo Eckersall, um dos talentos do diretor Shimizu é a aplicação criativa do discurso crítico

presente nas representações do corpo em cena, relacionadas a imagens em constante transformação.

Crise e singularidade

Vivemos o momento de implosões dos modelos dados. Os processos de criação precisam ser entendidos a partir de experimentos singulares e não mais de regras gerais. Crise parece ser a palavra a integrar todos os fenômenos culturais contemporâneos. O “Teatro do Corpo” defendido pelo Gekidan Kaitaisha inclui a crise como sua estrutura, e segue a linha da desconstrução como uma maneira de performar.

Como seu próprio nome indica, o Kaitaisha pretende desconstruir as imagens estereotipadas da sociedade japonesa ao elaborar novas representações do corpo. As culturas, as artes e os corpos são sistemas abertos que se reorganizam o tempo todo, sem, no entanto, perder sua singularidade. Ao debater as noções fixas do corpo e da performance, assim como ao colocar em xeque a própria questão de uma suposta essência cultural, as estratégias comunicativas apresentadas pelo grupo confluem para a politização dos corpos em cena, já que pretendem tornar visíveis as singularidades de cada corpo e o permanente estado provisório dos corpos e do mundo, superando os carimbos identitários. A ruptura com os padrões gestuais nos leva a novos modos de percepção do corpo em cena.

No trabalho do Gekidan Kaitaisha o corpo apresenta-se como mídia primordial na construção de um espaço politizado, como coloca Uchino Tadashi, estudioso do teatro contemporâneo japonês. Para ele, a cultura teatral no Japão está ainda à sombra de uma “poética nacional”, baseada nos conceitos de comunidade, identidade e estabilidade, que priva a produção cultural de seu poder crítico. Contudo, a trajetória do grupo Gekidan Kaitaisha é diferente ao apostar na desconstrução de uma imagem de “japonesidade”, e abrir caminho para outras vozes, ao mesmo tempo pluralistas e locais.

A performance tomada como referência de análise, “Dream Regime”, foi apresentada em dezembro de 2005 no teatro da Fundação Japão em Tóquio, com a presença de seis artistas da Austrália, Alemanha, Coréia do Sul, Dubai e País de Gales, além dos *performers* japoneses do próprio grupo. Esse trabalho foi resultado de um projeto intercultural de três anos, conduzido através de uma série de workshops em diversos países. Pode-se dizer que o tema de “Dream Regime” está relacionado a histórias ocultas de diversidade cultural num mundo de contínuas migrações – forçadas ou não – na era da globalização.

“Dream Regime” é uma compilação de cenas tematicamente relacionadas, mas sem seguir qualquer seqüência narrativa. Além do rigoroso trabalho físico, também são usados outros recursos cênicos, como vídeo, som e luz, para criar um ambiente devastado e sombrio. A linguagem verbal é usada esparsamente, em línguas não japonesas, uma maneira de testar a tolerância do público, ao mesmo tempo em que provoca sua imaginação. Através de um

trabalho intercultural, cria-se a possibilidade de escapar à hostilidade em razão da diferença e o medo do “outro”, para emancipar-se da história oficial em que tantas histórias são ocultadas e esquecidas, e apostar em caminhos alternativos.

Uma cena em particular pode nos ajudar a clarear essa hipótese. Num telão ao fundo do palco são projetadas as perguntas do questionário de imigração em inglês, por exemplo, “what is your nationality?”, “what is your ethnic background?”². Uma mulher vestida de preto está sentada no canto esquerdo do palco, de costas curvadas e cabeça baixa. Uma outra mulher, vestida com um collant e touca de cabelo cor da pele, entra em cena no plano baixo. Aos poucos começa a realizar movimentos que parecem desorganizados, como se os membros de seu corpo estivessem sem controle. O corpo cai no chão diversas vezes de maneira violenta, em espasmos, como que em colapso. Depois de, pelo menos um minuto e meio, a mulher passa a andar de quatro, assumindo uma postura animal. A mulher que até então estava sentada, vai lentamente ao encontro da outra, quando seus corpos se tocam e os movimentos cessam, as perguntas no telão param de ser projetadas e tem início uma outra cena.

No palco temos, ao mesmo tempo, a busca por respostas que nos prendem a categorias rígidas como nação e origem, e corpos cujos movimentos são impossíveis de serem categorizados ou classificados. Imagens tão contraditórias que se sobrepõem, fronteiras que se borram, criando uma perspectiva crítica para apresentar a própria crise da representação no corpo dos *performers*. As estratégias adotadas pelo grupo inscrevem sua própria instabilidade e sua abertura à transformação, politizando o corpo e a cena, já que revelam a fragilidade de tudo que é apresentado como estável e fechado.

Ao apresentar corpos cujos gestos estão completamente desorganizados, e os movimentos totalmente desarticulados em relação aos modelos prontos de significação, o Gekidan Kaitaisha não só se abre para novas experimentações para trabalhar o corpo, mas também distorce os limites da comunicabilidade. A partir dessas referências podemos apostar na politização do corpo no campo das artes cênicas como uma possibilidade de ativar nossa imaginação política ao olhar para o que está acontecendo no mundo, e principalmente para o que está sendo ocultado.

¹Notas

Este artigo é fruto de pesquisa de mestrado orientada pela Profa. Dra. Christine Greiner e conta com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – Fapesp.

² “Qual é a sua nacionalidade?”, “qual a sua etnia?”.

Referências Bibliográficas

COHEN, Renato. *Cartografia da cena contemporânea: matrizes teóricas e interculturalidade. Comunicação Semiótica*. São Paulo: PUCSP, 2000.

ECKERSALL, Peter. The Performing Body and Cultural Representation in the Theatre of Gekidan Kaitaisha. In: SCHOLZ-CIONCA, Stanca and LEITER, Samuel L. (ed.). **Japanese Theatre and the International Stage**. Leiden; Boston: Brill, 2001. p. 313-327. (Brill’s Japanese studies library, v 12)

GEKIDAN KAITAISHA. **Dream Regime**. Wales Arts Internacional, Wales, dezembro de 2005. 1 DVD, 78 min.

GREINER, Christine. **O Corpo – pistas para estudos indisciplinados**. São Paulo: Annablume, 2005.

_____. *A diáspora do corpo em crise: do teatro japonês aos novos processos de comunicação do ator contemporâneo*. **Sala preta**, São Paulo, v. 02, p. 103-119, 2002.

GREINER, Christine e KATZ, Helena. *A natureza cultural do corpo*. In: PEREIRA, Roberto. (Org.). **Lições de Dança 3**. 1. ed. Rio de Janeiro: UniverCidade, 2002, v. 3, p. 77-102.

HIDENAGA, Otori e SHIMIZU, Shinjin. **Theatre of Deconstruction Kaitaisha (1991-2001)**. Toquio: Shuho Bijutsu, 2001.

TADASHI, Uchino. Deconstructing “Japaneseness”: Toward Articulating Locality and Hybridity in Contemporary Japanese Performance. In: CENTRE FOR DRAMA AND THEATRE STUDIES. **Dis/Orientations (Cultural Praxis in Theatre: Asia, Pacific, Australia)**. Australia: Monash University, 1999. pp. 35-53. (Monash Theatre Papers I)